



Medievalis

v. 11, n. 2 (2022)

| 2

A dinastia paleóloga, a Casa Gattilusio e o controle comercial do Norte do Egeu (Bizâncio - séc. XIV-XV)

Jose Roberto de Paiva Gomes¹

Resumo: Os livros didáticos reproduziram a expressão “Idade das trevas” para a Idade Média, como um período de decadência entre a Antiguidade e o Renascimento. No caso da região do mar Egeu, entre os séculos XIV e XV, entretanto, encontramos evidências de um profícuo desenvolvimento comercial promovido pelos “lordes de Lesbos”, a família Gattilusio, relativizando tal hipótese. Observamos que desde o século XII, a Dinastia Paleóloga exerceu influência sobre a região mediterrânica, buscando explorar suas riquezas, a fim de estabelecer alianças e centralizar o poder político.

Abstract: Textbooks reproduced the expression "Dark Ages" for the Middle Ages, as a period of decadence between Antiquity and the Renaissance. In the case of the Aegean region, between the 14th and 15th centuries, however, we found evidence of a fruitful commercial development promoted by the “Lesbos lords”, the Gattilusi family, putting this hypothesis into perspective. We note that since the 12th century, the Paleologist Dynasty has influenced the Mediterranean region, seeking to exploit its wealth in order to establish alliances and centralize political power.

Palavras-chave: Império Bizantino; Idade Média; Mediterranismo; Dinastia Paleóloga; Lordes de Lesbos

Keywords: Byzantine Empire; Middle Ages; Mediterraneanism; Paleologist Dynasty; Lesbo Lords

¹ Pós-doutor em História pela UERJ, doutor em História pela UFRJ. É professor dos cursos de de Especialização em História Antiga e Medieval da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CEHAM/UERJ) e Curso de Especialização em Patrimônio Educação e Cidadania (CEPEC-CMCN/NEA-UERJ)

<http://lattes.cnpq.br/8130144576834341>

E-mail: alcaeusappho@gmail.com





1. As famílias dinásticas e as questões políticas no mediterrâneo medieval

A Dinastia dos Paleólogos (1258-1453) foi a última dinastia que governou sobre o Império, após a Dinastia Comnena, que estruturou politicamente o feudalismo bizantino estruturando o Estado (Montesquieu)². O primeiro, o imperador Paleólogo, Miguel VIII, proveniente de uma nobre família bizantina proeminente, ascendeu ao trono a partir de uma usurpação, retirando do poder o príncipe João IV Láscaris, que na época possuía oito anos. (GIORDANI, 1977, 89).

Sob o governo dos Paleólogos, o Império Bizantino, em fragmentação, ainda reclamava o Império Romano, embora estivesse centrado na tradição e cultura gregas³. A expressão “helenos” tornou a ser utilizada pelos bizantinos para que os mesmos se identificassem a si próprios. A dinastia foi mecenas da literatura e das artes; O artista Jorge Gemisto Pléton⁴, entre outros, se destaca. Podemos dizer que o período foi marcado pela controvérsia do Hesicasmo⁵.

A região do Peloponeso, no final do Império, se tornou um despotado por membros da família imperial. Apesar das frequentes disputas, estes revelaram-se fiéis ao imperador de Constantinopla (exceto quando tentavam concorrer ao trono imperial), enquanto as suas terras estavam cercadas pelos Venezianos e pelos Otomanos.

Os Paleólogos tentaram frequentemente acabar com o cisma entre as igrejas Católica e Ortodoxa. No entanto, todas as tentativas de reconciliação chocaram contra a população. A família tinha conexões em toda a Europa. Eles casaram-se com famílias reais da Bulgária⁶, da Geórgia e da Sérvia, bem como famílias nobres de Trebizonda, do Épiro, da República de Génova, Monferrato, e Moscóvia⁷.

² Podemos caracterizar o Baixo Império Bizantino como o domínio grego, após a Quarta Cruzada entre 1204 e 1453. Este domínio foi exercido pela Dinastia Paleóloga – a última do Império Bizantino –, cujos membros da família fugiram para Niceia e Reestruturaram o Império e se restabeleceram em Constantinopla.

³ Alguns membros da dinastia permaneceram (e prosperaram, até certo ponto) em Constantinopla muito tempo depois da conquista otomana. Documentos otomanos dos séculos XV e XVI identificaram fazendeiros e comerciantes chamados Comnenus bin Paleólogo, Yorgi bin Paleólogo, e Manuel Paleólogo.

⁴ Jorge Gemisto Pletão (1360-1452) foi um filósofo e um erudito grego neoplatônico, um dos pioneiros no aprendizado dos mestres gregos no início da Renascença na Europa Ocidental.

⁵ A controvérsia hesicasta foi uma disputa teológica no Império Bizantino durante o século XIV entre os defensores e oponentes de Gregório Palamas. A disputa terminou com a vitória dos chamados "palamistas" e a inclusão da doutrina palamita como parte do dogma da Igreja Ortodoxa e com a canonização de Palamas.

⁶ Em recentes escavações na Bulgária, realizadas pela arqueóloga Boni Petrunova em 2004, foram achados o túmulo e despojos mortuários de Jorge Paleólogo no despotado independente de Dobruja, cuja capital era Kaliakra, governado por Balik e Dobrotitsa, em meados do séc. XIV. (MARQUES, 2019).

⁷ A dinastia Paleóloga ou dos Paleólogos (Palaiologoi, em grego) foi a última dinastia do Império Bizantino. Depois da quarta Cruzada, os membros da família se refugiaram ao Niceia, se reestruturaram político-militarmente e passaram a controlar o Império. Miguel VII Paleólogo se tornou o primeiro imperador em 1259 e retomou Constantinopla em 1261. Os seus descendentes governaram o Império até à queda de Constantinopla em 1453. O lema da família era "Βασιλεὺς Βασιλέων Βασιλεῦων Βασιλευόντων"





Devido às crises políticas e econômicas, os bizantinos não possuíam um exército forte para proteger o Império; de fato recorreram ao apoio de seus aliados para enviarem reforços. Entre 1335 e 1361, importantes cidades como Niceia, Galípoli, Ancara e Adrianópolis foram conquistadas. Com tais conquistas, os turcos começaram a concentrar suas forças no Estreito de Dardanelos, o qual conecta o Mar Egeu ao Mar de Mármara, que por sua vez leva ao Estreito do Bósforo o qual conduz até o Mar Negro. Ambos esses lugares eram importantes rotas terrestres e marítimas desde a Antiguidade, pois ligava a Ásia Menor à região dos Bálcãs. Por isso, a criação de alianças matrimonial entre os Despotados era valorizada para salvaguardar os territórios e aumentar aliados⁸.

Enquanto os otomanos conquistavam territórios, os bizantinos por esse tempo vivenciavam uma crise política e de ordem civil. Com a morte do basileu Andronico III em 1341 o trono foi herdado por seu filho João V, que tinha nove anos, o qual estava sob a regência de sua mãe, Ana de Savóia. Todavia, o principal general de seu pai, João (VI) Cantacuzeno ambicionava tomar o poder e assim entrou em conflito com a basilissa e o príncipe.

Pelo fato da basilissa, ser estrangeira e católica, os mais conservadores não gostavam de vê-la no poder, então, entre 1341 e 1347, instaurou-se uma guerra civil no Império, sob a influência de Cantacuzeno⁹, o qual chegou até mesmo a se aliar secretamente aos turcos, na tentativa de conseguir o trono bizantino. Cantacuzeno teria deliberadamente concedido informações militares otomanos, de forma que estes o apoiassem para conquistar o trono bizantino. Sabe que o general foi responsável por ceder informações sobre Galípoli, e até mesmo ofereceu uma de suas filhas em casamento ao *bey* Orhan I, como forma de reforçar a aliança (QUATAERT, 2008, 35).

João VI Cantacuzeno, chegou a reinar de 1347 a 1355, ora alegando ser regente de João V, o herdeiro oficial do império, mas isso uma estratégia, pois ele chegou a afastar João V do governo, e assumiu o seu lugar. No ano de 1355, João V Paleólogo retorna a Constantinopla com o apoio do navegador genovês Gattilúsio e assim consegue recuperar

(*Basileus Basileon, Basileuon Basileuonton*) ("Rei de reis, governando os governantes"). Devido às suas alianças matrimoniais com famílias do Ocidente, os Paleólogos foram a primeira família imperial a ter brasões e divisas no sentido ocidental; utilizavam quer a águia bicéfala negra em campo de ouro, em campo de gules (vermelho) e quatro "BB" de ouro.

⁸ Podemos entender este movimento dos despotados como *Mediterranismo*, conceituado como uma expressão que designa características distintivas culturais comuns entre grupos do Mediterrâneo. Tal conceito foi criado por Michael Herzfeld, em 2005 (HARRIS, 2011, 76-112).

⁹ Um documento que atesta os acordos político-militares de Cantacuzeno e o período da guerra civil de 1341 a 1347 foi relatado por Miguel Ducas, em História turco-bizantina. O escritor era uma espécie de economista financeiro e diplomata. Atuando como representante comercial no território ultramarino genovês e como intermediário a serviço dos Gattilusi e o Sultanato otomano sob o domínio de Murad II e de Mehmed.





seu trono, destituindo o regente usurpador, João VI Cantacuzeno, que preferiu entrar para um mosteiro, tornando-se monge. Todavia, tendo assumido seu trono, João V, estava de posse de um império encolhido pelas conquistas turcas, abaladas pela conspiração de Cantacuzeno e arruinado por guerras civis. Na tentativa de conseguir apoio, o basileu, viajou entre os anos de 1369 a 1371, procurando ajuda de outros governantes europeus, inclusive do papa, para conseguir soldados e dinheiro. O basileu bizantino conseguiu falar com o papa Urbano V, em 1369, mas a iniciativa do papa de enviar uma cruzada para afastar os turcos, acabou não se concretizando.

Os Gattilusi e a conectividade marítima no mar Egeu medieval

A família Gattilusi¹⁰ de origem genovesa governou a ilha de Lesbos, entre 1355 a 1462¹¹, fazendo parte da família real bizantina da dinastia dos Paleólogos, mais especificamente, a linhagem de João V. O pesquisador J. Paviot (1992, 141) considera que os Gattilusi tinham um poder naval que os permitia controlar o comércio e o tráfego marítimo entre os mares Egeu e Negro, se estendendo à região de Trebizonda (área fronteira entre bizantinos e otomanos). Por terem o domínio ultramarino concretizaram diversos acordos com os turcos até 1460.

A economia bizantina se caracterizou pela confluência de várias rotas comerciais da Eurásia ao norte da África. Podemos destacar que este modelo econômico implementado criou uma “economia globalizada”, desde Constantino V. A dinastia paleóloga reestruturou este período de prosperidade, reativando as alianças político-militares, colocando os lordes à frente do controle do tráfego e do comércio marítimo.

Os Gattilusi enviaram as mulheres da família, como esposas, para a casa real bizantina e o monarca, em retribuição, a administração do mar Egeu e a manutenção do controle da ilha de Lesbos. O rei bizantino, por conseguinte, enviou a irmã Maria em casamento para os governantes genoveses que passaram a controlar a rota comercial do norte do mar Egeu¹². De acordo com o *manuscrito real grandeza de la sereníssima rep.*

¹⁰ A linhagem familiar teve sua iniciação com Francesco Gattilusi e seu término com Nicooló Gattilusi. Eram sobrinhos de Oberto Gattilusi que pertencia por parte matrilinar à dinastia Doria. Francesco ganhou o favor do imperador bizantino João V Paleólogo, ajudando-o derrubar um rival ao trono, D. João VI Kantakouzenos, em 1354 (LUTTRELL, 1986, 110-112).

¹¹ O domínio dos Gattilusi se estenderam as ilhas de Imbros, Samotrácia, Lemnos e Tasos, e a cidade continental de Aenos (a moderna Enez na Turquia).

¹² O conceito de conectividade é uma perspectiva relativamente recente e que engloba bens e pessoas se movem de um lugar para outro, desde a Pré-História ao mais recente mundo globalizado. Horden e Purcell em “The Corrupting Sea” (2000), definem a borda do Mediterrâneo como uma aglomeração de interligações de micro-regiões. A via terrestre no mundo greco-romano pode ser rastreada. Da mesma forma, no mar, Horden e Purcell (op. cit. 122-43) enfatiza a importância da cabotagem como atividade





De Genouva (titulo segundo, 22) de Alcasar e Pempicileon, de 1669, cita que em 1355, Francisco Gattilusi, nobre Genovês, casou sua irmã com John Paleólogo. A partir, de então, diversas mulheres (irmãs e filhas) desenvolveram a linhagem Gattilusi-Paleologa, tais como, os exemplos de Maria e Catalina. Os casamentos fixaram laços de defesa colocando os Lordes de Lesbos, na condição de embaixadores, comprometidos com os imperadores bizantinos de Constantinopla.

Pelos laços matrimoniais, os Gattilusi obtiveram o controle das relações comerciais da região por quatro gerações¹³. De acordo com as “Crônicas de Lesbos”, escritas por Clavijo, as questões matrimoniais foram essenciais para a manutenção do poder das linhagens, sobretudo, entre 1384 a 1404 (BRAVO, 2014, 60). De acordo com Urian (2009), os lordes proporcionaram a restauração paleóloga, iniciando com John, passando por Andrônico e finalizando com Constantino XI/XII. Os Gattilusi ficaram responsáveis pela mineração e pela comercialização de *alum*¹⁴, um componente da produção têxtil, o que proporcionou um comércio lucrativo¹⁵. Podemos interpretar este controle comercial exercido pela família como um modelo de conectividade entre centro-periferia¹⁶ que propiciou a interação de centros de produção, intercâmbio e redistribuição e interpretar como foram constituídos os assentamentos.

Podemos inferir que para além das questões comerciais, o Império Bizantino realizou diversas expedições ao mar Egeu, por meio de embaixadas, com o propósito de

comercial, interação religiosa e troca diplomática em pequena escala entre os vizinhos, tendo a fundação de colônias como a concretização da rede. As viagens de longa distância e alto comércio se constituíram como uma ponte (ou o nó) em toda parte do mundo mediterrâneo. As populações mediterrânicas que controlavam a infra-estrutura e possuíam o ‘*know-how*’ necessário para cruzar com segurança os trajetos. Esse comércio era uma importante fonte potencial de renda para qualquer pessoa que pudesse reivindicar, tais como comerciantes, transportadores, caminhantes, protetores, comunidades locais e autoridades.

¹³ Baseado em uma análise estrutural foi um marco que contesta a sociologia francesa (tradição bipolar – gregos e estrangeiros), Horden-Purcell considera o Mediterrâneo como um espaço que formula uma história conectada. Modelo derivado da antropologia social e da arqueologia. Oferece uma abordagem nova, por intermédio da noção de “prisma esférico”, onde não a fenômeno isolado. Os autores propõem que o estudo da História do Mediterrâneo, seja realizado com base em estudos de fronteira, atentando-se para o fenômeno da fluidez (movimento de pessoas, bens e ideias).

¹⁴ O alum era um derivado do alumínio usado para tingir roupas. Sua função corresponde a um fixador de cor no vestuário medieval.

¹⁵ Como Horden e Purcell (2000, 35) caracteriza que a rede desenvolve agentes (indivíduos ou grupos) e meios dinâmicos (econômicos, sociais ou culturais) com o objetivo de produzir mobilidade, (experiências e relações) que buscam difundir uma uniformidade – conhecida como *hypernetwork*. Os autores definem a borda do Mediterrâneo como uma aglomeração de interligações de microrregiões. As vias terrestres no mundo greco-romano podem ser rastreadas. Da mesma forma, no mar, Horden e Purcell (op. cit. 122-43) enfatiza a importância da cabotagem como atividade comercial, interação religiosa e troca diplomática em pequena escala entre os vizinhos, tendo a fundação de colônias como a concretização da rede. Os autores (2000, 80) descrevem rede (*network*) como o vínculo entre pessoas ou grupos no tempo e no espaço que buscavam transmitir informações, transferências de recursos e conhecimento histórico. A rede funciona como um fenômeno de criação de culturas e a rede comercial como promotora de bem-estar.

¹⁶ O termo *centro-periferia* busca estabelecer a dinâmica da rede e o espaço real, permitindo perceber a conectividade de rede, ou seja, as colônias gregas. *Paisagem* como um termo que compreende a interação (em longo prazo) entre as sociedades e o meio ambiente (biológico, geológico geográfico).





conservar as fronteiras e de impedir o avanço de tropas turcas (como podemos observar nos mapas 1 e 2, destacando o controle de Lesbos e regiões sob o comando da família Gattilusi). Os lordes de Lesbos possibilitaram que todo o aparato militar fosse estabelecido no noroeste. Como, por exemplo, podemos citar, a região de Lemnos que recebeu as tropas comandadas pelo sobrinho de John VII, em 1403. De acordo com Clavijo, o rei bizantino e Francisco Gattilusi empreenderam expedições conjuntas com o objetivo de colaborar e fortalecer as defesas de Constantinopla.

Depois da queda de Constantinopla em 1453, os Gattilusi retidos tiveram os seus bens sob o controle Otomano e foram forçados a sair do território helênico, se exilando em Aenos na Turquia. Em 1456, os otomanos nomearam o historiador grego nativo, Michael Critóbulo, como governador de Imbros, e também removeu os Gattilusi do poder no restante das possessões, com exceção de Lesbos, que foram autorizados a permanecer em troca de um relatório anual e de um pagamento de 4.000 peças de ouro (SETTON, 1978, 188). O último “lorde” de Lesbos, Domenico Gattilusi, foi estrangulado e sucedido por seu irmão Niccolò, antes de uma frota otomana capturar a ilha em 1462. O envio de Niccolò como prisioneiro de Constantinopla, onde mais tarde foi executado, e pôs fim ao poder da família (SETTON, op.cit., 238).

Guisa de Conclusão

A família Gattilusi, durante o século XV, governou a ilha de Lesbos, exercendo funções de guarda fronteiriça e diplomática. Podemos observar seu poderio militar, por intermédio de fortalezas construídas nas ilhas de Lesbos, Samotrácia e de Lemnos. Juntos com a Dinastia Paleóloga, por meio dos acordos matrimoniais, os Lordes de Lesbos tentaram impedir o avanço dos turcos e impedir a perda territorial. Podemos destacar que a dinastia tentou retornar ao modelo Justiniano de governo reconstruindo o império, pela retomada das leis romanas e justinianas e dos antigos privilégios imperiais.

Os senhorios da dinastia Gattilusi forjaram alianças com o objetivo de reafirmar uma legitimidade política tendo em vista que a dinastia Paleóloga provinha de novas elites instaladas no governo Bizantino. O estudo da família Gattilusi tem se demonstra um viés alternativo para o entendimento do baixo Império Bizantino e do mar Egeu medieval. Muitos autores clássicos designam o primeiro integrante Luciano Gattilusi, como um pirata (1266), entretanto, era um comerciante e um prestamista, bastante atuante na vida pública genovesa. Credita-se a ele um livro de poemas contando suas aventuras como embaixador do governo. A ascensão do senhorio Gattilusi reflete o esquema do governo





paleólogo que se fixa em laços institucionais e com as administrações de províncias firmadas por redes familiares. Este modelo de controle “centro-periferia” fixado pela dinastia paleóloga desarticulou um modelo de redes burocráticas em declínio e instituiu um novo padrão de autoridade, estabelecido pelas integrações não institucionais, por conexões comerciais, um sistema de lealdade, afinidades culturais e relações familiares em escala micro. Os Gattilusi ao exercer a exploração comercial e elaborar uma rede comercial fortaleceu o interesse genovês e bloqueou, até 1450, qualquer tentativa veneziana do controle da região.

Referências

- ARNOTT, P. **The Byzantines and their world**. New York, St. Martin's Press, 1973.
- BRAVO GARCIA, A. **Viajes por Bizâncio y Occidente**. Dickinson Editorial, 2014.
- LUTTRELL, A. "*Daughters of John V: an enigma Palaiologan*", **Dumbarton Oaks Papers** 40, 1986.
- CHRISTOFER WRIGHT. **The Lords Gattilusio and the world Aegean 1355-1462**. Leiden: Brill, 2014.
- GIORDANI, M. C. **História do Império Bizantino**. Petrópolis, Editora Vozes, 1977.
- HARRIS, W. V. *O mediterrâneo e a História Antiga*. **Revista Mare Nostrum**, 2011, n. 2, 75-112.
- KENNETH, M. S. *The Papacy and the Levant, 1204-1571: Vol. I, séc XIII-XIV*. **American Philosophical Society**, 1976.
- KENNETH, M. S. *The Papacy and the Levant, 1204-1571: Vol. II, séc. XV*. **American Philosophical Society**, 1978.
- KOSMINSKY, E. A. **História da Idade Média**. 2a ed, Rio de Janeiro, Editorial Vitória, 1963.
- MARQUES, Th. *Tumba de nobre da dinastia paleologa é encontrado na Bulgária*. **Revista Mythologica – Cultura e Arqueologia**, 2019.
- MILLER, W. "*Gattilusi of Lesbos (1355-1462)*". **Byzantinische Zeitschrift** 22, 1913.
- MONTESQUIEU. **Considerações sobre as causas da grandeza dos romanos e da sua decadência**. São Paulo, Saraiva Educação, 2017 (1669).
- PAVIOT, J. *Storia medioevale e diplomática*. **Revista UNIMI**, 1992, 135-162.
- QUATAERT, D. **O Império Otomano: das origens ao século XX**. São Paulo, Edições 70, 2008.





RUNCIMAN, S. **A civilização bizantina**. Tradução de Waltensir Dutra. 2a ed, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.

URIAN, T. **Família Paleologu**. *România Literara*. ed. 44, 2009.

Pranchas



Mapas 1 e 2 dos domínios Bizantinos entre século XIII e XIV, destacam a diminuição do controle bizantino, e o aumento do controle Otomano e controle pontual do governo genovês nos Mares Egeu e Negro.



Mapa 3- Área de controle dos Gattilusi no noroeste do mar Egeu durante o período Bizantino (séc. XIV-XV)





Lords of Lesbos	Lords of Ainos
Francesco I Gattilusio (1355-1384)	<u>Niccolò Gattilusio</u> (1376-1409)
<u>Francesco II Gattilusio</u> (1384-1404)	<u>Palamède Gattilusio</u> (1409-1455)
<u>Jacopo Gattilusio</u> (1404-1428)	<u>Dorino II Gattilusio</u> (1455-1456)
<u>Dorino I Gattilusio</u> (1428-1455)	
<u>Domenico Gattilusio</u> (1455-1458)	
<u>Niccolò Gattilusio</u> (1458-1462)	

Quadro 1 - Linhagem dos Gattilisi

